ESCREVENDO ATRAVÉS E POR ENTRE AS PALAVRAS: A TELEPATIA AUDAZ EM OBRAS LITERÁRIAS AFROFUTURISTAS

Luciene Marcelino Ernesto (Lu Ain-Zaila)[1]

> O povo, as classes populares devem se apossar da literatura e da escrita como um direito do cidadão e da cidadã (*Conceição Evaristo*[2]).

E se... a autoimagem de mulheres através dos abebé[3] de Oxum e Yemonja se transformasse num conto sobre magia, símbolos Adinkra e mulheres unidas pela chuva? E se... estudantes periféricos, aprendizes Éèdì[4] se envolvessem numa confusão ao invocar um monstro mítico na escola e tivessem que contar uns com os outros para resolver a situação? E se... contar essas histórias sobre pessoas negras tornasse o ato de escrever revolucionário? Esse é o Afrofuturismo que vem sendo feito no Brasil, de imaginários com base em seu legado, cultura e palavras.

Um olhar amplo e corretivo sobre o Afrofuturismo e seus antecedentes

O Afrofuturismo é um movimento pluridimensional: estético e artístico, filosófico, político e panafricanista balizado por inúmeros experimentos e movimentos (1960-1970). E intencionalmente ou não, vem a questionar a lacuna latinoamericana, num momento onde manifestações literárias negras começam a multiplicar suas presenças e publicizar vozes. Um exemplo é a chegada Kindred (1979) no Brasil (2017), encontrando duas obras especulativas negras pioneiras: Ritos de Passagem (2014, Editora Malê) de Fábio Kabral e a Duologia Brasil 2408 (2016 e 2017, autopublicação) de Lu Ain-Zaila.

A literatura afrofuturista solicita de seus envolvidos uma mudança de *agência* (ASANTE, 2009), pois refere-se a saber se essa pessoa está em um lugar central ou marginal com respeito à sua cultura (MEMMI, 1991). Sendo assim, podemos dizer que Ficção Especulativa Negra lida com temáticas múltiplas, podendo ou não ser afrorreferenciada. Já a Ficção Especulativa Afrofuturista tem a sua especificidade que não é, nem de longe um universo menor. E pertencem à dimensão maior Literatura Negra.

---

[1] - É pedagoga. Escritora afrofuturista. E pesquisa a construção do movimento literário.

[2] - Escritora e poeta negra, 74 anos, uma referência de Literatura Negra no Brasil, nascida em Minas Geras.

[3] - Significa abano de mão, leque, mas nas mitologias de orixá à brasileira também pode ser espelho.

[4] - É uma palavra que significa encanto, magia e no contexto "mestres do conhecimento". Na África magia designa unicamente o controle das forças, uma coisa neutra que pode se tornar benéfica ou maléfica conforme a direção. E aqui é decisiva a força da fala (Hampaté Bâ).

> é uma dimensão fluida que promove o intercâmbio dos valores culturais e saberes africanos (cosmovisões, mitologias, cultura, história, etc.) com a escrita, leitura e a oralidade para lidar com os assuntos de interesse das pessoas negras, usando metáforas, realidades temporais variadas, *antigas e novas palavras*, reconstruções e fusões que combinam concepções existenciais e filosóficas negras/africanas por que meio comunicativo for necessário. Sempre tendo a agência africana como uma régua para não incorrer na reprodução de tendências deslocadas da experiência africana afrocentrada (ZAILA, 2021).

A presença tardia das escritas negras especulativas está relacionado às relações raciais estabelecidas nas diásporas latinas (escravidão...racismo estrutural). Daí a temporalidade Brasil ser importante, geração-fruto de medidas políticas[5] e movimentações sociais negras (DOMINGUES, 2007) que ajudam a forjar suas autorias, assim como foi nos EUA e será globalmente.

O que nos remete aos 5 (cinco) pontos mais observados sobre o movimento:1) Tanto a autoria como o protagonismo narrativo são afrocentrados; 2) A afrocentricidade é o ib (coração), o sistema estético-político da pessoa negra e sua obra; 3) Sua produção sempre deve reconstituir as lacunas provocadas pela fratura ontológica do racismo sob seus elementos culturais em qualquer tempo. No caso da literatura, o campo ficcional é a ficção especulativa afrofuturista; 4) A raça é uma tecnologia sociorracial, cultural e histórica, subvertida no sentido (antigo e atual) e importante para questionar e localizar as vozes e presenças ao redor dos acontecimentos, mesmo quando subtendida; e 5) E sendo do interesse, o afrofuturista pode e deve elaborar epistemes e/ou métodos que contribuam para com a racionalidade negra, regida por um pensamento de circularidade por qualquer meio narrativo.

Todos esses fatores nos levam a ter um olhar mais assertivo sobre o ensaio-entrevista[6] feita por Mark Dery (branco). A sua formulação sobre o que é Afrofuturismo, apesar de superada, ainda é veiculada em meios de comunicação latinos, apagando Greg Tate, Tricia Rose e Samuel Delany. Essa questão nos mostra o epistemicídio negro (CARNEIRO, 2005) - a desligitimação destes povos como portadores e produtores de conhecimento, sinônimo de destituição de sua razão pela negação de suas racionalidades e através da assimilação cultural que lhes é imposta.

---

[5] - Brasil: Censo populacional racializado, Leis antirracismo e educacionais (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 (História e Cultura afrobrasileira e indígena); Ações Afirmativas, entre outras.

[6] - Black to the Future. Tradução pt-br: Tomaz Amorim. Ponto Virgulina #1 – Afrofuturismo (2019, online).

Assim fica óbvio o motivo de negros e indígenas estarem contando suas histórias[7] em campos próprios ou recortados, pois o gênero *ciencia ficción* de escrita branca produziu Eugenia (1919, Eduardo Urzaiz, México); Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500 (1929, Adalzira Bittencourt, Brasil); O Presidente Negro (1926, Monteiro Lobato, Brasil) e na Europa vale mencionar A Aldeia Aérea (1901) de Jules Verne, difundindo ciência e a colonização de africanos "selvagens e incivilizados".

Filosofia Africana (global) e Afrofuturismo: o hálito foi soprado

> O coração *ib*, também *haty*, na língua egípcia foi concebido como a sede de pensamentos e emoções. A palavra para coração também significa "mente", "compreensão" e "inteligência". Razão, emoção, espírito, mente e corpo não foram concebidos como entidades antitéticas separadas. Matéria e espírito não eram opostos em conflito. Assim, em suas investigações, os filósofos podem recorrer a todos os recursos de seu ser, incluindo a razão e o sentimento. Desta forma, eles podem esperar alcançar a realização (Théophile Obenga).

É possível afirmar, o Afrofuturismo ao solicitar a quem se autoinscreve um afrofuturista, indaga-o sobre "quem você é?", psicologicamente, <u>*tornar-se negro*</u> resultará numa viagem pessoal à sua herança africana global para então começar a filosofar uma experiência entre o pessoal e o coletivo do que é uma Literatura Negra.

> É a mesma pergunta que se faz quando se indaga o que é literatura negra. Se eu responder o que é literatura negra, eu vou responder à sua pergunta. No meu ver, a literatura negra se realiza quando o autor, voltando-se para a sua pessoa e sua vida como autor de origem negra, escreve em torno dessa experiência específica. Dois dados: ele é negro, ele voltou-se para dentro de si mesmo, olhando-se, e ele vai se referir a essa experiência de que só ele é dono (Oswaldo de Camargo,2002)

E também em relação à mulher negra, cuja centralidade é atacada pelo machismo, misoginia e embranquecimento internalizado.

> No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de
> Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. (...) vemos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo é potência para

[7] - A ausência de não brancos é questionada por Octavia - "The Lost Races of Science Fiction" (1980).

> acolhimento de nossos outros corpos (Conceição Evaristo, O que é Escrevivência, 2020).

Sendo assim, fica nítido o quanto – filosofar a si pessoa negra – *foi* e *é* constituinte do que chamamos diásporas africanas, pois se existe literatura, pensamento negro, Afrofuturismo, Afrocentricidade, Quilombismo, cultura é porque foi perpetuada a verdade (Maa[8]) das palavras faladas e escritas. Tais fatos nos levam novamente à importância da oralidade na obra literária[9], que é elo entre o *Ser* e a sua verdade.

> Quando alguém pensa uma coisa e diz outra, separa-se de si mesmo. Rompe a unidade sagrada, reflexo da unidade cósmica, criando desarmonia dentro e ao redor de si (Hampaté Bâ, 2009).

Para Abiola Irele (1977) "a literatura acontece na língua", pois "é na e através da língua que o processo imaginativo acontece e se manifesta, de forma que possa ser comunicável em qualquer grau". Assim, a escrita negra pode ser chamada de *transmissora de uma tradição africana/afrodiaspórica*? Em certa medida sim. A literatura precisa ser "lida e ouvida". Daí o conceito de *palavras transatlânticas*.

> Podemos dizer que são as palavras orais, escritas e nominativas que foram preservadas pelos povos (grupos) na África e diáspora[10], intercâmbio da experiência do *tornar-se uma pessoa negra* e as inventadas pela fusão da fala, o que Lélia Gonzalez nomeou como pretuguês. E sua característica mais forte é o significado maior que as sílabas, a transliteração ajuda no domínio da pronúncia, tonal, vibração e o mais importante, em hipótese alguma traduzidas na narrativa, pois essa experiência pode "quebrar" o seu sentido e esbarrar numa noção ocidental que não é a africana (global). E a sua inserção nas literaturas negras, especialmente a afrofuturista deve ser considerada uma experiência viva de restituição da razão africana para pessoas negras desterradas de sua herança viva que desde Kemet e até antes ainda ensina aos de hoje o bem viver (ZAILA, 2022).

Palavras transatlânticas: trajetórias, mitologias, cosmovisões, tudo e mais

Na obra *Duologia Brasil 2048*[11], composta por (In)Verdades e (R)Evolução, o Brasil do séc. 25 é resultante de um apocalipse climático e a realidade é "ou todos comem ou ninguém comerá...". Essa verdade suprema se torna um sistema tecnológico, câmbio alimentar regido por dados (residentes, idade, etc). E neste mundo, ***Ena*** vive e é

---

[8] - Para entender a presença de Maa e Maat nas tradições africanas, pesquisar Théophile Obenga.

[9] - Vol. 1 Hista Geral da África (UNESCO): *A tradição viva* e *A tradição oral e sua metodologia*.

[10] - São bantu, ewé, fon, yoruba, ijexá, egbá, egbadó, savé, Quicongo, Quimbundo, Nbundo, Haussás, Mande, Fulas, etc. Fonte: Povos e Comunidades Tradicionais. Cartilha SEPPIR.

[11] - Lu Ain-Zaila (Luciene), primeira mulher negra a escrever uma obra afrofuturista. E a primeira com uma protagonista negra na história da literatura de ficção científica/especulativa nacional brasileira.

testemunha de sacrifícios: a morte do pai, mistérios e soluções em forma de provérbios Adinkra, a utopia quebrada pela corrupção, golpes políticos, midiáticos e então a escolha que leva à ruptura em direção à verdade...

> Nesse momento, Ena sobe numa ambulância, parada estrategicamente pelos não-identificados à esquerda da entrada do Capitólio, de onde pode ver nitidamente a torre de energia que mantém os fortes portões fechados e a população do lado de fora.
> Ena espera e sussurra em voz baixa para si mesma.
> — *Akoben*, que toque no povo o *Akoben* (Clarim da Resistência).
> — É ela, a Ena, ali! – gritam os repórteres que cobrem a manifestação, pedindo aos seus câmeras foco nela, foco em Ena.
> (...)
> — Uma vez o meu pai me disse... "*Ideias ou discursos não derrubam governos ou democracias, quando ditas por uma única voz, mas se houver pessoas o suficiente que a ouçam, concordem e as sustentem, tudo pode mudar*".

Para Maulana Karenga (1999), histórias negras que empregam o princípio do risco, alerta o público e o faz pensar no momento de virada. Qual o momento de escapar daquela realidade inóspita? Para o autor é um componente fundamental da teoria ética afrocêntrica da libertação.

Já a obra Sankofia (publicação independente, 2018), apresenta fusões em forma de 12 contos com temas variados: empregadas domésticas, Maracatu, seres de outro planeta, ora como entidade biológica num debate-psicológico sobre colonização e noutra como agentes de mudança, etc. Todas as experiências nesta obra possuem traços que dialogam, subjetivamente com a experiência do desafio, aceitar a jornada de mudança rumo ao desconhecido, ir a outro mundo fora ou dentro de si (CLYDE FORD,1999). E este trecho do conto *Conexão* mostra um pouco disso.

> Assim que ocorreu a total combinação, senti um formigamento, como se aqueles pontos estivessem vivos e então a imagem da palma da minha mão começou a estremecer e emitir um brilho pulsante. (...) foi magnífico ser testemunha daquilo... A esfera maior que me cercava, ficou um pouco mais densa na superfície por conta da adição, e então, começou a subir dentro da cúpula, ficando suspensa talvez um metro do chão. (...) Meus olhos estavam a me pregar uma peça? Não acreditei no que via lentamente se formar ali. (...) um Adinkrahene, o "Chefe" de um conjunto de ideogramas chamado Adinkra (...)
> — E o que devemos fazer? Como isso funciona? – me pergunta Cecile animada.
> — Acho que precisamos agitar as coisas... – digo a ela, enquanto me movo e explico o que faremos, do núcleo para o exterior do Adinkrahene. E óbvio, quero fazer parte de cada ato de movimentação.

Já na obra afrofuturista Ìségún (2019), palavra yorubá (reverência aos ancestrais), a *água* é a tecnologia-mito de conexão e restauradora da força vital da personagem. Ayomide é uma personificação mítica (Mptu e Kalunga) que encontra na detetive Zuhri, a vontade de abraçar sua herança e o poder existente nela.

> Nem dou tempo para que me impeça, abro o frasco e dou alguns passos para trás.
> — Desculpa, amiga, mas preciso fazer isso e não chame ninguém aqui — falo baixo e rapidamente, um pouco antes de colocar gotas da água no topo da minha cabeça, testa e nuca. Fecho o frasco e o coloco nas mãos de Ayana, depois me ajoelho e aguardo a sensação de desmaio, que vem mais fraca. Mas não é desmaio. É outra coisa.
> É mudança, agora eu sei... é àṣẹ[12]!
> Meu corpo formiga com essa sensação nova. Ayomide. Onde você está?
> (...) Busco sua presença, tudo parece embaçado, e então sinto a maresia no ar, eu voltei. Estou na casa da vila novamente, sob águas límpidas. É a visão mais incrível que os meus olhos já testemunharam, mas onde está Ayomide?

Conclusão

As *palavras transatlânticas* vêm ensinando às autorias e pessoas leitoras o poder de culturas negras, imaginativos potentes, capazes de apresentar todos os valores humanísticos africanos globais. Mas nada do imaginado aqui é novo e sim fatores comuns e presentes em toda sua temporalidade espiral. E reaprender a tê-las é um paradigma e vitória para o afrofuturista.

Transatlantic Words (my presentation)

https://wordart.com/6szq2nortn5v/word-art%201

Referências Bibliográficas

https://docs.google.com/document/d/1RRXoqHYiRR9DacSXadYnAAqS3bdy-FCYkKx-I_HkFK8/edit?usp=sharing

[12] - Yoruba philosophical concept (vital force, power, energy)